



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS

CURSO DE PSICOLOGIA

REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DO MASCULINO NA PÓS- MODERNIDADE

LINDEBERGUE PEIXOTO COUTINHO FILHO

BRASÍLIA-DF
DEZEMBRO/2007.

LINDEBERGUE PEIXOTO COUTINHO FILHO

**REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DO MASCULINO NA
PÓS-MODERNIDADE**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília - UniCEUB como
requisito básico para obtenção do grau de
Psicólogo da Faculdade de Ciências da
Saúde. Professor-orientador: Maurício da
Silva Neubern.

Brasília-DF, Dezembro de 2007.



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof. Maurício da Silva Neubern, Doutor em Psicologia Clínica

Prof. Fernando Luis González Rey, Doutor em Psicologia

Prof. Francisco Ângelo Cechin, Doutor em Psicologia

A Menção Final obtida foi:

Brasília-DF, Dezembro de 2007.

Agradecimentos

Ao findar esta etapa acadêmica, apreendo que a produção deste trabalho não foi mérito apenas meu, mas de um conjunto de pessoas que me auxiliaram e estiveram ao meu lado nessa jornada.

Primeiramente, agradeço à minha mãe pelo afeto e carinho incondicionais. Por ser a minha primeira referência, servindo-me de modelo, pois ao longo do exercício de sua profissão de professora, sempre realizou suas atividades laborais com zelo e dedicação singulares.

Agradeço ao meu estimado pai por estar sempre ao meu lado, à minha irmã pela atenção e carinho sempre dispensados a mim e ao meu irmão, meu parceiro e grande amigo e apesar de mais novo, na psicologia sempre me serviu de referência.

Agradeço ao Gama pelo seu incentivo e por ser meu grande irmão por afinidade e ao Alex por me presentear com sua alegria e jovialidade.

Agradeço aos meus grandes amigos: Davi e Augusto por auxiliar-me no meu crescimento pessoal e acadêmico, por nossas discussões filosóficas e por nossas conversas descontraídas e bem-humoradas.

Agradeço à Maria Clara, pois além de seu auxílio acadêmico, presenteia-me constantemente com sua doçura e delicadeza.

Agradeço à Lia, minha companheira de monografia, por ter dividido comigo a ansiedade, a angústia, a alegria e o sentimento de missão cumprida ao término desse trabalho.

Agradeço à Fernanda, menininha sempre presente ao longo desses cinco anos de faculdade. Entre encontros e desencontros sempre esteve ao meu lado.

Agradeço à Caroline, a noivinha do meu coração, pelos trabalhos e projetos que realizamos juntos.

Agradeço à Fabiana e Miriam, amigas que eu conheci quase ao apagar das luzes, mas que se tornaram muito especiais.

Agradeço aos meus mestres: Alejandro, Bizerril e Fernando Rey. Ao mestre Alejandro por ter me apresentado a filosofia, por me fazer pensar. Ao mestre Bizerril pela humildade de compartilhar os seus conhecimentos e ao mestre Fernando Rey por ampliar os meus horizontes dentro da psicologia, por sua afetividade e alegria cubana.

Por fim agradeço ao meu orientador, Maurício Neubern, por sua dedicação, competência e bom-humor ao auxiliar-me no processo de confecção dessa monografia.

SUMÁRIO

RESUMO.....	V
INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 1: A REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO.....	12
1.1 A construção da identidade masculina	12
1.2 Discussão sobre gênero.....	16
1.3 O que é ser homem de verdade?.....	20
CAPÍTULO 2: O MASCULINO NA PÓS-MODERNIDADE.....	25
2.1 A transição dos papéis masculinos da modernidade para a pós-modernidade.....	25
2.2 O lugar do masculino na família pós-moderna.....	27
2.3 O homem-adolescente.....	31
CAPÍTULO 3: O MASCULINO ENVOLVIDO NAS RELAÇÕES AFETIVAS PÓS-MODERNAS.....	38
3.1 As relações descartáveis.....	38
3.2 O homem perdido.....	42
3.3 Há luz no fim do túnel? Uma nova proposta de relacionamento afetivo e o masculino.....	45
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão teórica a respeito do lugar do masculino na pós-modernidade e visa destacar as transformações ocorridas no masculino da modernidade à pós-modernidade, os seus ajustamentos, as suas mudanças e as suas contradições. A pós-modernidade caracteriza-se por ser um período de instabilidade, insegurança e liquidez. Neste cenário o masculino depara-se com a fluidez, flexibilidade e relações afetivas frágeis. A discussão se inicia com a construção da identidade masculina na pós-modernidade. A identidade masculina na modernidade construía-se sobre tradições justificadas e legitimadas socialmente, alicerçava-se na tríade: rigidez, previsibilidade e solidez, contudo na pós-modernidade o processo de construção identitário masculino pauta-se na instabilidade, dinamismo e na possibilidade de serem rapidamente descartadas. Outra questão apresentada refere-se à construção de gênero, o masculino esteve intrinsecamente associado ao trabalho, à agressividade, ao público, ao desempenho sexual, e ao poder. Porém na pós-modernidade esses atributos não parecem tão bem definidos e claros para serem apropriados pelos homens. Outra questão trazida para reflexão e discussão refere-se ao masculino no contexto familiar pós-moderno. A mudança de seu status de provedor, uma vez que em muitas famílias contemporâneas é o feminino que assume esse papel, abalando um dos pilares que sustenta a masculinidade. Percebe-se na pós-modernidade que a autoridade do masculino na família passa a ser questionada e exige-se que o masculino não só participe da esfera pública, mas que adentre a vida privada familiar. O contexto contemporâneo também permitiu questionamentos sobre os homens-adolescentes, ou seja, homens que não atingiram a maturidade emocional para estabelecer um processo de autonomia e individuação. Finalmente discutiu-se sobre o masculino envolvido nas relações afetivas. A pós-modernidade evidencia relacionamentos descompromissados, frágeis, descartáveis e pautados na satisfação e no prazer dos indivíduos. Nesse cenário aborda-se o “novo” posicionamento masculino e a dificuldade encontrada no relacionar-se com o feminino. As contradições existentes no discurso feminino sobre o masculino desejado para relacionar-se. Solicita-se um “novo” masculino: sensível e doce. Contudo que mantenham as características masculinas da modernidade, virilidade e “jeito de homem”. Enfim, o masculino deve lidar com exigências femininas que muitas vezes se apresentam contraditórias. Nesse cenário pós-moderno ambivalente esse trabalho procura refletir e discutir sobre o lugar do masculino.

Palavras-chave: masculino, pós-modernidade e homem.

A pós-modernidade explicita um cenário marcado pela instabilidade, incerteza, liquidez e flexibilidade. De acordo com Bauman (2001) na pós-modernidade os padrões e configurações não são mais “dados”, e tão pouco “auto-evidentes”; eles são muitos, chocam-se entre si e contradizem-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de propiciarem conforto e segurança aos sujeitos. Os padrões e configurações mudaram de natureza e foram reinventados como tarefas individuais, projetos pautados na individualidade.

Segundo Bauman (2001) a pós-modernidade desvela-se pela liquefação dos padrões de interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e talvez nem poderiam imaginar. A fluidez apresenta uma característica fundamental, os fluidos não mantêm uma forma por muito tempo. Manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo. A insegurança e a incerteza estão sempre presentes nesse cenário líquido, fluido.

A visão baumaniana em relação à pós-modernidade é ratificada por Oliveira (2004). O autor pontua que se vive atualmente imerso na incerteza. A excentricidade das expectativas que estão em constante mudança, à inconstância das normas que se alteram continuamente antes do término do jogo, a cacofonia das vozes que simboliza a dificuldade de se instalar um padrão dominante constituem o quadro pós-moderno. O mundo pós-moderno configura-se como um espaço fragmentado, episódico e hostil.

De acordo com Oliveira (2004) na pós-modernidade o sujeito é sobrecarregado por escolhas, contudo nesse contexto, a confirmação e a validação das escolhas múltiplas evidenciam o paradoxo existente entre a cacofonia de ideais e preceitos contraditórios e efêmeros. A angústia pós-moderna se revela na relação do sujeito com um mundo repleto de possibilidades que se anulam reciprocamente. A contemporaneidade evidencia que não há nenhuma segurança quanto ao acerto da opção escolhida pelo sujeito.

Diante desse contexto pós-moderno marcado pela instabilidade, liquidez e flexibilidade a presente monografia tem por objetivo discutir, refletir e repensar o lugar do masculino na pós-modernidade. Propõe-se a discussão da transformação do masculino da modernidade para a pós-modernidade. A mudança dos papéis ou funções sociais masculinas bem definidas e rígidas do mundo moderno para os papéis e funções sociais masculinas indefinidas, permeáveis e não rígidas da pós-modernidade.

O lugar do masculino na pós-modernidade constitui-se como objetivo principal desta monografia, contudo outros objetivos específicos serão abordados ao longo desse estudo. Este trabalho foi dividido em três eixos principais: a representação do masculino, o masculino na pós-modernidade e o masculino envolvido nas relações afetivas pós-modernas.

Em relação ao primeiro eixo temático: a representação do masculino, inicialmente discutir-se-á a construção da identidade masculina na pós-modernidade. Na modernidade o processo de construção identitário do sujeito pautava-se na tríade: rigidez, previsibilidade e solidez. De acordo com Bauman (2001) a modernidade caracterizou-se por suas instituições rígidas, previsíveis e possibilitou aos sujeitos a construção de identidades mais sólidas.

No cenário pós-moderno Oliveira (2004) explicita que as identidades caracterizam-se pela instabilidade, dinamismo e por serem descartáveis. A pós-modernidade desvela que o processo de construção da identidade é marcado pelas inúmeras possibilidades de escolhas, pela angústia e pela fragmentação. A reflexão que será desenvolvida refere-se ao posicionamento do masculino nesse processo de construção da identidade.

Em relação a esse eixo temático outro objetivo a ser discutido refere-se ao percurso da construção do gênero masculino. Evidenciará que na construção do gênero encontram-se elementos biológicos, individuais e sociais. A discussão inicia-se com o olhar biológico de Kaplan. Posteriormente, recorrer-se-á a teoria da subjetividade de González Rey, ao seu construto teórico: sentido subjetivo que permitirá uma ampliação na discussão sobre gênero.

González Rey (2003) explicita que o sentido subjetivo é a forma como se organiza subjetivamente a experiência vivida. Uma integração indissolúvel entre elementos simbólicos e emocionais. O sentido subjetivo é permeado de emocionalidade. O sentido subjetivo é um espaço de expressão, produções do sujeito carregado de relações complexas.

Ainda sobre a construção de gênero abordar-se-á os atributos associados ao masculino trazidos por Muraro e Boff (2002). Ao masculino associa-se o trabalho, a agressividade e o público. Ainda, ao masculino atrelou-se o papel de provedor e a racionalidade em oposição à afetividade e ao sentimentalismo feminino. Reflexões e questionamentos serão feitos sobre a construção do gênero masculino na modernidade e pós-modernidade.

O primeiro eixo temático será finalizado com a discussão trazida por Nolasco: o que é ser homem de verdade? O masculino ficará marcado pelo distanciamento do feminino. Nolasco (2001) explicita que o menino durante o processo de socialização, deve silenciar seus sentimentos e frustrações. O suposto homem de verdade caracteriza-se pelo distanciamento do afeto e sentimentalismo.

Os objetivos desse item relacionam-se a discussão da masculinidade como símbolo de dominação do feminino, de virilidade no âmbito sexual, do papel de provedor, do desempenho no universo do trabalho e como representante do poder. Em relação ao trabalho Dorais (1994) pontua: “os homens medem a própria capacidade pelo sucesso econômico e pelo status social que obtêm, dos quais o trabalho remunerado é o índice principal” (p.18).

O segundo eixo temático refere-se ao masculino na pós-modernidade. O primeiro tópico a ser abordado refere-se à transição dos papéis masculinos da modernidade para a pós-modernidade. Objetiva-se nesse item discutir a transformação do papel masculino atrelado ao mito do herói, do masculino atrelado a violência para o masculino perdido, frágil. Poder-se-ia dizer a metamorfose do masculino-herói para o masculino-idiota. O masculino apreendido como leviano superficial.

Outra questão abordada nesse eixo diz respeito ao lugar do masculino da família contemporânea. Inicia-se a reflexão com Roudinesco (2003) evidenciando que a família moderna caracterizou-se como local de afetividade e intimidade. Contudo, cabe ressaltar que esses atributos foram associados ao feminino. Ao masculino na família moderna destinava-se o papel de provedor econômico e não afetivo. Em relação ao sexo, na família moderna o masculino apreende o feminino meramente com a função de reprodução.

O objetivo desse item está intrinsecamente relacionado à posição que deve ser ocupada pelo masculino na família pós-moderna, haja vista que os papéis de gênero bem definidos da modernidade, como descritos acima, passam a não ser tão bem delineados na pós-modernidade. Com a existência e possibilidade de novos arranjos familiares e a presença de características da família moderna mescladas a configuração familiar pós-moderna, ao masculino solicita-se novos papéis e postura para lidar com esse novo contexto familiar.

O segundo eixo finaliza-se com a discussão da infantilização do homem no contexto pós-moderno. O objetivo desse item refere-se à reflexão sobre a valorização do estilo jovial apresentado na pós-modernidade e suas implicações no universo masculino, na transformação ou não de homens-adolescentes. A sociedade pós-moderna enaltece os valores associados à juventude. Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004) explicitam que a pós-modernidade caracteriza-se pelo estilo de vida jovial, maleável e pelo gozo sem limites. Khel (1998) corrobora a visão apresentada pelos autores acima e denomina esse estilo de vida jovial como teenagização da cultura.

Outra questão discutida nesse item refere-se à imaturidade psíquica pelos homens apresentada por Bowen (citado por Papero, 1998) a falta de diferenciação do ego, ou seja, a ligação ansiogênica presente entre o sujeito e sua família, que acarreta uma dependência emocional e não autonomia do sujeito. Convém destacar que Bowen (citado por Papero,

1998) explicita que o processo de individuação do sujeito através da diferenciação do ego apresenta-se como possibilidade dos sujeitos adentrarem o mundo dos adultos.

Por fim, o terceiro, é último eixo temático refere-se ao masculino envolvido nas relações afetivas pós-modernas. Num primeiro momento discutir-se-á as relações descartáveis presentes na pós-modernidade. Segundo Bauman (2004) e Guedes (2005) a fragilidade e a insegurança caracterizam os relacionamentos afetivos da pós-modernidade. Os relacionamentos afetivos pós-modernos são alicerçados na falta de compromisso, uma vez que compromisso significa perda de liberdade, portas fechadas.

De acordo com Bauman (2007), os relacionamentos na atualidade apresentam prazo de validade, prazo intrinsecamente relacionado à capacidade de proporcionar satisfação ao sujeito. Diante desse cenário pretendeu-se refletir sobre a postura masculina frente aos relacionamentos afetivos pós-modernos.

Outra questão apresentada refere-se às novas relações estabelecidas entre o masculino e o feminino. Questionar-se-á as novas exigências solicitadas para o masculino. A reivindicação feminina em relação ao prazer sexual, a mudança do olhar feminino sobre o casamento como apenas mais uma dimensão, e não mais a única dimensão de sua vida (Vaitsman, 1994). O masculino deparar-se-á com a dúvida: o feminino solicita um masculino viril ou sensível no estabelecimento de relações afetivas. As contradições existentes na apropriação do masculino pelos homens na pós-modernidade. Esse é um dos objetivos a ser alcançado.

O último item trabalho nesse eixo diz respeito a uma nova proposta de relacionamento apresentada ao masculino. Trabalhar-se-á um novo posicionamento masculino diante dos relacionamentos. A discussão será pautada nos conceitos trazidos por Giddens (1993): amor confluyente, sexualidade plástica e amor puro. O objetivo desse último item consiste em repensar o masculino em um relacionamento pautado na redemocratização do relacionamento,

no qual o masculino não ocupe uma posição de dominância, questão trazida por Araújo (1999).

Este trabalho foi dividido em três capítulos e cada um destes subdivididos em três partes. No primeiro capítulo abordar-se-á a representação do masculino: a construção da identidade masculina, a discussão sobre gênero e o que é ser homem de verdade?

No segundo capítulo, o foco como descrito anteriormente, pautar-se-á na discussão do masculino na pós-modernidade, na primeira parte do capítulo a ênfase será na transição dos papéis masculinos da modernidade para a pós-modernidade, posteriormente discutir-se-á o lugar do masculino na família pós-moderna e finalizar-se-á o capítulo com o item o homem-adolescente.

Por último, o terceiro capítulo discutirá o masculino e as relações afetivas pós-modernas. Num primeiro momento serão contextualizadas as relações afetivas no cenário da pós-modernidade, o segundo item refere-se ao homem perdido, a nova forma de lidar do masculino com o feminino nas relações afetivas pós-modernas e finalizar-se-á o capítulo como o item que irá propor uma nova perspectiva de relacionamento na pós-modernidade: há luz no fim do túnel? Uma nova proposta de relacionamento afetivo e o masculino.

Por fim, esta monografia de conclusão de curso, procurará proporcionar reflexão, questionamento e discussão sobre o lugar do masculino na pós-modernidade. Pretende-se ao final deste trabalho não instituir novas verdades, ou “determinar” qual é o lugar do masculino na sociedade pós-moderna, mas servir como instrumento para novos questionamentos e novos escritos a respeito do masculino na pós-modernidade.

Capítulo 1

A REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO

1.1 A construção da identidade masculina

O conceito sobre identidade revela-se complexo, a identidade é um processo de construção do sujeito sobre si através de trocas com o social, edificando e desconstruindo o sentido sobre si. Ao se buscar construir uma identidade, o sujeito pode posicionar-se e identificar-se pelo negativo, ou seja, o sujeito define-se pelo que não é. Segundo Oliveira (2004) a construção de uma identidade caracteriza-se por uma empreitada na qual o sujeito se embrenha numa tarefa paradoxal de estabelecimento de autonomia através da submissão. O paradoxal revela-se porque a busca pelo caráter único só se realiza através da integração a um determinado grupo, ou seja, por uma unicidade e singularidade ao mesmo tempo partilhada e ratificada pelo outro, por outros iguais.

Na modernidade, o processo de construção identitário do sujeito, as identidades apresentavam-se sustentadas e mantidas por tradições socialmente justificadas e legitimadas. Na contemporaneidade, as identidades passam a ser construídas e sustentadas por um esforço consciente e angustiante dos sujeitos que irão compor uma comunidade específica.

A modernidade com suas instituições rígidas e previsíveis, oferecia segurança em troca da liberdade e assim possibilitava a emergência de identidades também mais sólidas. Hoje a liberdade do consumo e o leque de opções tornaram-se fonte de angústias. Na modernidade clássica, aos deslocamentos e desconfortos seguia-se a tarefa posta diante do agente de uma acomodação, isto é, ele não podia ficar atrás de seus pares, devia seguir o padrão, não sair da linha, nem se desviar da norma. Pertencer a uma classe era uma realização que deveria ser provada, do mesmo modo tornar-se um homem autêntico. O desempenho era necessário, mas

os lugares eram mais estáveis, estavam ali para ser merecidos e preenchidos.

(Bauman, 2001, p. 43)

A construção da identidade na modernidade apresentava a tríade: rigidez, previsibilidade e solidez. O cenário moderno permitia ao sujeito a segurança e o conforto de edificar o seu processo identitário em alicerces firmes. Ao sujeito era dado lugares de estabilidade, a possibilidade de trocar a insegurança, a liberdade e a angústia do processo de construção da identidade, as identidades apresentavam uma solidez.

Na pós-modernidade o cenário é diferente. Oliveira (2004) pontua que as identidades rígidas da modernidade apresentam-se desvantajosas. No cenário pós-moderno as identidades caracterizam-se pela instabilidade, dinamismo e pela possibilidade de serem rapidamente descartadas. Bauman (1998, p. 112) pontua “(...) as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa.”

A identidade apresenta-se em processo dialético, ao mesmo tempo que tem a necessidade de ter o mínimo de estabilidade para ter o seu reconhecimento, revela-se inundada de flexibilidade e num processo muito veloz de desgaste, evidenciando um meio de significados mutáveis e volitivos.

Ainda sobre a pós-modernidade, a instabilidade das identidades, Bauman (2001) explicita:

Hoje, apesar dos contínuos deslocamentos e desacomodações, não são fornecidos lugares para acomodação. Os que podem ser pleiteados e desejados mostram-se frágeis quando conquistados, ou mesmo desaparecem antes que o trabalho de acomodação seja completado. Sem perspectiva de acomodação para o agente continuamente desacomodado, não raro as aflições e sofrimentos advêm de uma falta de sentido para o acelerado movimento. Não raro os agentes se vêem aturdidos e desesperançados pela porosidade dos limites. (p. 43)

O masculino na pós-modernidade depara-se com a possibilidade de inúmeras escolhas que poderão constituir a sua identidade, contudo esse amplo campo de escolhas gera uma masculinidade angustiada e perdida. Ao contrário da modernidade na qual o masculino estava bem representado nos papéis aceitos socialmente, o masculino atrelado ao provedor, ao não sentimental e a ênfase ao público, a pós-modernidade caracteriza-se pelas inúmeras ofertas de combinações, arranjos e rearranjos na construção da identidade. Não há um modelo dominante a ser seguido, a construção da identidade na pós-modernidade mostra-se fragmentada e não rígida. Não há uma definição clara de como os homens podem ser apropriar do masculino na contemporaneidade.

A apropriação do masculino, a construção da identidade masculina pode ser auxiliada com o auxílio teórico de González Rey (2007) o sujeito se caracteriza por sua capacidade de gerar subjetivação, o indivíduo é uma fonte permanente de processualidade, de implicação da pessoa no espaço social que atua.

Outro aspecto abordado por González Rey (2007) em relação ao sujeito aponta que este assume uma posição ativa e apresenta recursos personológicos para lidar com as tensões existentes entre sua produção e o socialmente reconhecido, logo o homem pós-moderno na sua busca de identidade, ou melhor, construção de sua identidade deve ocupar a posição de sujeito:

O se tornar sujeito significa expressar na ação configurações subjetivas singulares, tomar decisões, assumir a responsabilidade individual pela ação. Essa tensão à qual fazemos referência é um dos elementos essenciais da criatividade humana e, por conseguinte, do seu desenvolvimento. (p. 144-145)

Uma outra face apresentada na pós-modernidade refere-se aos *identikits*¹. Oliveira (2004) explicita que os *identikits* desempenham a função de atender a todas as

¹ Termo utilizado por Oliveira (2004) caracterizando um conjunto pronto de identidade a ser assumido pelo sujeito

individualidades, são oferecidos sob medida. Aos homens são disponibilizados os *identikits* de magnata, empreendedor; ou o jovem intelectual, estudioso; ou ainda o pai responsável, educado, charmoso. Os *identikits* possibilitam inúmeras combinações, disponibilizam a fluidez, permeabilidade da contemporaneidade. Porém, esses arranjos infinitos não possibilitam conforto, segurança para o sujeito mergulha-o em um processo aflitivo de escolhas, não há uma garantia de um modelo “ideal” de masculino a ser seguido.

Convém destacar que a “falsa” segurança proporcionada pela escolha de um kit identitário cobra o seu preço posteriormente. A angústia da escolha, inicialmente, aplacada pode ressurgir. O kit escolhido passar a não ter correspondência com o sujeito. O homem pode ter um escolhido um modelo de identidade de “ganhão”, de Dom Juan, contudo ele pode passar a se sentir desconfortável, pois usará uma “identidade” que verdadeiramente não lhe pertence, não reflete sua autonomia, ao contrário evidencia sua passividade “vestindo” um pacote pronto.

Nesse cenário fluído, incerto e veloz, o comprometimento com padrões de comportamentos, tais como os prescritos pelo regime de gênero, as seguranças representadas pela identidade masculina deixam de vigorar, o sujeito encontra-se em um terreno volitivo. (Oliveira, 2004)

Anteriormente, a problematização sobre a identidade pautava-se em como se daria o seu processo de construção. No contexto pós-moderno, como defende Bauman (1998) o problema instaura-se na dificuldade do sujeito de se manter fiel a qualquer identidade por muito tempo, da virtual impossibilidade de acomodar-se em uma identidade que tenha boa probabilidade de reconhecimento vitalício, e por conseqüência a sua necessidade resultante de não adotar nenhuma identidade rígida, o que o impediria de abandoná-la de uma hora para outra caso fosse preciso.

1.2 Discussão sobre gênero

Uma outra questão que está imbricada à identidade refere-se ao gênero. Esses dois elementos encontram-se intrinsecamente relacionados, a construção da identidade perpassa a construção de gênero e/ou vice-versa.

A discussão sobre o gênero iniciar-se-á com o viés psiquiátrico sobre identidade sexual e identidade de gênero. De acordo com Kaplan & Outros (2003):

A identidade sexual refere-se às características sexuais biológicas: cromossomos, genitália externa e interna, composição hormonal, gônadas e características sexuais secundárias. No desenvolvimento normal, formam um padrão coeso, de modo que uma pessoa não tem dúvidas sobre o seu sexo. Identidade de gênero refere-se ao sentido que o indivíduo tem de sua masculinidade ou feminilidade. (p. 616)

A definição de Kaplan sobre identidade sexual e identidade de gênero serve como ponto de partida para algumas reflexões sobre a construção de gênero. Visualiza-se que inicialmente o sujeito depara-se com elementos fisiológicos e anatômicos em relação à sua identidade sexual. Contudo, mostra-se duvidoso a afirmação do autor em relação ao sujeito não ter dúvida sobre o seu sexo. A psicologia depara-se com uma relação muito complexa entre a identidade sexual e a identidade de gênero.

Verifica-se que a construção de gênero implica em uma parceria entre aspectos psicológicos e aspectos sociais relacionados à masculinidade e feminilidade. Indubitavelmente a identidade sexual será um elemento na construção do gênero, todavia faz-se necessário perceber que nesta construção existirá uma interdependência entre biológico, individual e social.

Outro elemento trazido por Kaplan que merece uma discussão mais detalhada refere-se ao sentido que o sujeito atribui a sua masculinidade ou feminilidade. O termo sentido utilizado por Kaplan pode ser ampliado recorrendo-se à teoria da subjetividade de González Rey e o seu construto teórico: sentido subjetivo. González Rey (2003) pontua que o sentido

subjetivo é a forma como se organiza subjetivamente a experiência vivida. Neste processo ocorre uma integração indissolúvel entre os elementos simbólicos e emocionais. Pode-se dizer que o sentido subjetivo é carregado de emoção, é o posicionamento do sujeito em relação a sua cultura, em relação ao social. O sentido subjetivo é um espaço de expressão, produções do sujeito carregado de relações complexas.

Deste modo verifica-se que a construção do gênero deriva de uma teia complexa de elementos biológicos, individuais, sociais e culturais permeados, ou melhor, inundados pela emoção.

Como se constituiu a diferença entre o gênero masculino e o feminino, entre o quê é ser homem ou o quê é ser mulher? Muraro e Boff (2002) explicita que é uma elaboração social e histórica. Historicamente e culturalmente ao masculino associou-se o trabalho, a agressividade e o público. Ao homem atrelou-se as tarefas relacionadas ao perigo físico, à conquista territorial, à dominação e ao jogo de poder sobre os outros. Ao homem destinou-se o papel de provedor, da racionalidade. Às mulheres vinculou-se as tarefas de conservação e desenvolvimento da vida. O feminino estava intrinsecamente relacionado ao privado, ao mundo dos sentimentos.

No cenário da sexualidade Muraro e Boff (2002) colocam que o homem consegue dissociar facilmente o sentimento, o afeto do ato sexual, o homem busca antes o prazer que o encontro profundo. Para a mulher a sexualidade, as relações sexuais sinalizam antes a fusão que o prazer, mais o carinho que o intercurso sexual. Elas, as mulheres, não conseguem dissociar o amor do sexo.

Esta diferenciação entre os gêneros, explicitadas por Muraro e Boff, permite algumas reflexões e questionamentos. Inicialmente deve-se pensar que a pós-modernidade trouxe um grande número de possibilidades de ser homem ou ser mulher. Essa diferenciação apontada por Muraro e Boff, talvez fizesse mais sentido na modernidade, quando a diferenciação entre

os gêneros se mostrava mais rígida. A construção do gênero masculino na pós-modernidade enfrenta águas tempestuosas, pois ao mesmo tempo, como mencionado anteriormente, oferece ao homem um leque enorme de possibilidades, contudo evidencia a angústia da escolha, a falta de segurança no desempenho do papel masculino.

O advento da pós-modernidade não extinguiu os papéis masculinos da modernidade. Talvez eles estejam camuflados, travestidos. Ilustra-se essa miscelânea entre a modernidade e pós-modernidade, por exemplo, quando um casal de namorados vai ao cinema. No cenário pós-moderno o discurso vigente é: o masculino e o feminino devem assumir uma posição de igualdade, as despesas devem ser divididas. Contudo, verifica-se uma exigência velada que o homem assuma o seu papel de provedor, o atributo do gênero masculino consolidado na modernidade.

Outro aspecto em relação ao gênero masculino na pós-modernidade refere-se à dialética entre o público e o privado. Na constituição da família moderna, ao gênero masculino destinou-se o convívio social, público. Ao homem não se exigia a realização de tarefas domésticas, o envolvimento sentimental no seio familiar e a sua participação restringia-se ao econômico. Na contemporaneidade pede-se que o masculino desempenhe tanto o público quanto o privado. As mulheres abrem as portas do lar e exigem a entrada do homem nesse universo familiar sentimental e afetivo. Entretanto, em muitas ocasiões continua-se atribuindo ao masculino, as tarefas públicas, como levar o carro ao mecânico, resolver questões fora do lar. Verifica-se que a relação entre os gêneros muitas vezes se desvela dialética e ambivalente.

Iniciou-se a discussão sobre gênero com um olhar biológico, a identidade sexual. Em seguida mostrou-se a identidade de gênero, evidenciando a contribuição social no desenvolvimento do masculino e do feminino. Contudo, deve-se pontuar que a construção do gênero não é determinada exclusivamente pelo social, mas por uma troca que existe entre o

individual e o social, não havendo a supremacia de um em relação ao outro, mas uma troca constante entre essas duas esferas.

Tal pensamento é corroborado por González Rey (2003) em seus conceitos de subjetividade individual e subjetividade social, na qual a subjetividade individual constitui e é constituída pela subjetividade social, estabelece-se uma relação dialética e inseparável entre o individual e o social:

O sujeito individual está constituído pela subjetividade social e, por sua vez, é um dos momentos constituintes daquela, por meio das conseqüências criativas dentro do tecido social em que atua. (p. 136)

(...) estes processos de subjetividade social e, individual se produzem de maneira simultânea e inter-relacionada em dois espaços que se constituem reciprocamente: o sujeito individual e as instâncias sociais em que tem lugar sua vida social. A subjetividade individual se produz em espaços sociais constituídos historicamente; portanto, na gênese de toda a subjetividade individual estão os espaços constituídos de uma determinada subjetividade social que antecede a organização do sujeito psicológico concreto. (p. 205)

Diante dos conceitos apresentados acima, convém destacar que a construção do gênero masculino constitui-se percurso complexo. O homem utiliza-se de elementos sociais instituídos para definir-se como pertencente ao gênero masculino, contudo como bem explicitado na teoria da subjetividade, o sujeito não fica a mercê do determinismo social, dos papéis sociais masculinos estabelecidos socialmente, existe um permanente intercâmbio do sujeito com o social, no qual o homem pode definir sua masculinidade de forma singular com auxílio do sistema social, ou até mesmo modificá-lo através das trocas indivíduo-social.

1.3 O que é ser homem de verdade?

A pergunta que intitula o tópico revela-se como uma grande charada para os homens. Pode-se reescrevê-la e a pergunta transformar-se-ia em existe o homem de verdade, o homem mais masculino? Ao longo deste item pretende-se refletir e discutir os significados atribuídos ao homem de verdade.

A primeira questão que merece ser abordada situa a socialização do homem pelo distanciamento do feminino, coloca-se o masculino numa posição oposta ao feminino. De acordo com Welzer-Lang (2001):

Para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher. (p. 5)

Visualiza-se que no processo de construção do ser homem de verdade instaura-se o distanciamento e recusa do feminino. Diz-se aos meninos na infância que eles não devem chorar, não devem demonstrar sentimentos e enfatiza-se que isso é coisa de mulher, associa-se o feminino ao sentimentalismo, a fragilidade e o homem deve posicionar-se distante dessas características. Em muitas ocasiões esse discurso é proferido pelo feminino, seja por mães, irmãs ou babás.

A masculinidade pauta-se no intercâmbio entre o universo masculino e o feminino, como se estabelecem as relações interpessoais. Nolasco (2001) explicita:

Um menino aprende que, durante seu processo de socialização, deve silenciar seus sentimentos e frustrações, bem como evitar situações de vergonha e medo. Ele cresce criando defesas e proteções contra sentimentos desagradáveis, uma vez que podem servir como indicadores de fragilidade e limitação para atender às exigências de seu papel social. (p. 82)

Todavia, com o passar dos anos quando os meninos tornam-se homens, exige-se que o homem se aproxime do feminino. Instaura-se uma ambivalência na construção do que é ser homem. Inicialmente coloca-se que ser homem é afastar-se do sentimentalismo, da fragilidade feminina, posteriormente cobrar-se-á dos homens uma aproximação do universo feminino, exige-se que o homem desvele os seus sentimentos, evidencie suas emoções e disponha de recursos psicológicos para em seus relacionamentos compreender as demandas emocionais da parceira e dos filhos. Diante desse quadro ambivalente o projeto de ser homem de verdade não se revela uma tarefa fácil.

Outro aspecto que sempre manteve uma relação intrínseca com a masculinidade foi o trabalho. Segundo Dorais (1994) o trabalho representa para os homens uma fonte de identificação: “Os homens medem a própria capacidade pelo sucesso econômico e pelo status social que obtêm, dos quais o trabalho remunerado é o índice principal” (p. 18).

Atrela-se o ser homem ao trabalho, o homem de verdade é aquele que exerce a função de provedor. O sentimento de identidade da masculinidade desenvolve-se com a prática social voltada para o trabalho. De acordo com Nolasco (2001) o trabalho exercerá para o masculino uma dupla função: servirá como o eixo pelo qual se estruturará o modo de agir e pensar do sujeito; a outra coloca o sujeito no campo da disciplina, do método e da violência.

A relação homem de verdade e trabalho e conseqüentemente provedor não se apresenta tão tranqüila. A contemporaneidade apresenta um cenário no qual as mulheres também estão inseridas no contexto de trabalho. Em determinadas famílias, as mulheres assumem o papel de provedora. Os homens evidenciam um dos seus calcanhares de Aquiles. O papel de provedor tão intimamente vinculado ao papel de homem de verdade encontra-se abalado.

No nordeste brasileiro em determinadas famílias nas quais o homem apresenta-se desempregado, de certa forma destituído do seu papel social de homem de verdade, suas

esposas quando possuem algum dinheiro, permitem que eles façam as compras da casa, “assumam” o posto de provedor do lar para que a comunidade, o social reconheça o seu marido, o homem como um homem de verdade.

Talvez não seja necessário ir ao Nordeste brasileiro para demonstrar a proximidade da relação provedor e masculinidade. Imagine-se um jantar entre um casal, ao seu término o garçom traz a conta e a entrega à mulher. O quanto pode ser desconfortável para o homem a exposição social de sua companheira pagando a conta, tal situação pode sinalizar um homem que não consegue exercer o seu papel de provedor, não é bem sucedido no trabalho, revela o seu fracasso e logo evidencia que não é um homem de verdade.

No sistema patriarcal o trabalho exerce uma função importante na consolidação do papel de homem de verdade. A masculinidade revela-se com a otimização da performance profissional, a aquisição de bens e conseqüentemente a demonstração de poder.

Outra faceta instituída pelo trabalho que se relaciona à masculinidade, segundo Nolasco (2001), revela-se que através do trabalho o sujeito depara-se com experiências de realização e empreendimento externo a si mesmo, em detrimento do exercício de experiências de interiorização e emocionalidade.

O contexto de trabalho permite ao homem distanciar-se dos seus sentimentos, o homem de verdade, o homem de negócio bem sucedido deve ser frio, calculista. As emoções devem ser colocadas de lado. O profissional de verdade, ou melhor, o homem de verdade é aquele que consegue separar suas emoções, seus conflitos pessoais e familiares do ambiente profissional. O sentimentalismo, o agir com coração devem ser atitudes combatidas, a masculinidade apropria-se da frieza e da racionalidade.

Outra questão que está intimamente relacionada à masculinidade refere-se à força física, à violência. De acordo com Dorais (1994):

A força física e seu prologamento ou substituto simbólico, o poder, foram atributos masculinos. Mais ainda: a capacidade de um homem exercer a força e o poder para dominar a natureza, mulheres, as crianças e os outros homens serviu para provar sua virilidade. (p. 20)

O homem de verdade se constrói pela afirmação de sua virilidade através da força. Desde a infância estimula-se aos meninos a não levarem desaforo para casa, não é difícil se ouvir a frase: “você é homem, se apanhar na rua quando chegar em casa apanha de novo”. Dominar, exercer a violência, subjugar o outro evidencia o homem de verdade.

A virilidade pode ser demonstrada pela capacidade do homem de resistir ao sofrimento, às dores. Percebe-se que em diversas sociedades, Nolasco (2001) exemplifica uma comunidade na África oriental, os samburus, nos quais os meninos passam por rituais dolorosos para tornarem-se homens de verdade. O homem resistente é viril. Talvez os rituais da comunidade dos samburus pareçam distante de nossa realidade latino-americana. O homem latino pode demonstrar sua virilidade, resistência através do consumo de bebidas alcoólicas. Estabelece-se um acordo tácito entre a maioria dos homens que o homem de verdade é aquele que agüenta beber muito que submete o corpo a uma grande quantidade de álcool. A sua masculinidade encontra-se intrinsecamente relacionada ao vigor de beber. Nolasco (2001) corrobora tal perspectiva: “beber pesado são as medidas de um homem de verdade” (p.99).

Outro parâmetro que se constitui como definidor da masculinidade, do homem de verdade relaciona-se ao desempenho sexual, a competência sexual. Segundo Dorais (1994) a sexualidade e masculinidade estão entrelaçadas. O homem de verdade é aquele que se apóia no seu desempenho sexual, na demonstração de sua virilidade.

O desempenho sexual, a virilidade colocam o masculino diante de impasses. Na modernidade o homem deparava-se com relações sexuais nas quais somente o masculino

obtinha voz. A sua virilidade era presumida por seu auto-conceito, o homem compartilhava com outros homens a sua virilidade, o seu ótimo desempenho sexual. Não se vinculava a sua performance sexual ao feminino, ou seja, ao feminino não se permitia pleitear o prazer, colocar em dúvida a potência sexual masculina, na relação conjugal a mulher devia submeter ao parceiro.

Contudo com a revolução feminina, a transição da modernidade para pós-modernidade essa virilidade sexual absoluta passa a ser questionada, relativizada. O homem de verdade, o homem viril configura-se como aquele que é capaz de satisfazer a sua parceira, levá-la ao orgasmo. As mulheres tornaram-se mais exigentes nas relações sexuais. O seu desempenho sexual passa a ser questionado e conseqüentemente a sua masculinidade.

Outro elemento que está intrinsecamente relacionado ao homem de verdade é o carro, o automóvel. O “carrão” passa a simbolizar o status, a virilidade e potência masculina. Nolasco (2001) explicita que a ascensão social, profissional e de status, como carros, estão intimamente relacionados à masculinidade. Quanto melhor o carro, mais luxuoso, mais potente, mais homem é o seu dono.

Ao findar deste capítulo abre-se espaço para reflexão que a representação masculina é um processo contínuo de construção e desconstrução de significados, ou melhor, de sentidos. O sentido do que é masculino é perpassado por uma série de dimensões: individuais e sociais. Cabe salientar que essas dimensões se imbricam, na qual nenhuma é determinante da outra, mas estabelecem um processo dialético de constituída e constituinte. O masculino é um processo de tensão e de sentidos complexos, não há uma fórmula, ou único jeito de perceber o que é o masculino, mas este é representado por uma multiplicidade de configurações estabelecidas de forma singular por cada sujeito.

Capítulo 2

O MASCULINO NA PÓS-MODERNIDADE

2.1 A transição dos papéis masculinos da modernidade para a pós-modernidade

A transição dos papéis masculinos da modernidade para a pós-modernidade revelou transformações sociais e culturais que produziram uma reviravolta nas principais fontes da identidade masculina: o trabalho, o poder, a família, a sexualidade e o mito de herói. Essas mudanças fizeram com que se repensasse a própria noção de masculinidade (Dorais, 1994). Neste item abordar-se-á principalmente o trabalho e o mito de herói, uma vez que os outros atributos referentes à identidade masculina foram ou serão abordados ao longo desse trabalho.

De acordo com Dorais (1994) a entrada do feminino no universo do trabalho, indubitavelmente, afetou a identidade masculina. Desconstruiu-se a idéia de que existem determinados trabalhos que só devem ser realizados pelo masculino. O feminino passou a exercer profissões que antigamente eram exclusivamente masculinas, como por exemplo, administração de empresas e a medicina.

Outro baque sofrido pelo masculino adveio com o desenvolvimento da tecnologia. Com o desenvolvimento e aprimoramento das tecnologias a força física, atributo intrinsecamente associado ao masculino, perdeu o seu espaço. As máquinas, os computadores permitiram a troca da força física, dos músculos masculinos pela habilidade da utilização das máquinas. Imagine-se uma indústria automobilística algumas décadas atrás. A força física, a virilidade masculina constituía-se como um requisito fundamental para a realização do trabalho. Atualmente, máquinas, computadores podem realizar com maestria essa tarefa, e por consequência as máquinas podem ser operadas tanto por homens como por mulheres.

Outro fenômeno trazido por Dorais (1994) em relação ao universo do trabalho e a pós-modernidade refere-se ao crescimento do desemprego, a instabilidade e mobilidade no mundo do trabalho.

Como discutido no capítulo anterior, o trabalho revela-se como sinônimo de status e poder para o masculino. Portanto, diante do encolhimento do mercado de trabalho, da alta taxa de desemprego em algumas sociedades contemporâneas, o masculino perde uma de suas referências e identificação de sua masculinidade. A pós-modernidade coloca o masculino em uma situação paradoxal, contraditória. Uma das formas dos homens se apropriarem e valorizarem o masculino atrela-se ao investimento no universo do trabalho em detrimento, por exemplo, do universo do lar, da vida em privada e a sua não participação no mercado de trabalho reflete-se como uma diminuição de sua masculinidade e do seu status social.

Em relação ao mito de herói tão intrinsecamente relacionado ao masculino, a pós-modernidade revela um outro lado, o masculino idiotizado, banalizado. Nolasco (2001) apresenta com maestria essa mudança de apreensão do masculino, traçando uma comparação entre o herói Tarzan e o personagem Homer Simpson, do desenho animado Simpsons:

A banalização agora transcende a crise de identidade, ou melhor, a ela soma a banalização negativa da própria estrutura física do herói. E o vigor físico do Tarzan cede lugar à força bruta de um Homer Simpson. (...) Se Tarzan era o “rei da Jangal”, atuando como protetor da selva, Simpson é um rei sem reinado. Quarenta e cinco anos, casado, classe média, três filhos, não passa de um regulador de tecnologia.

Na verdade, se Tarzan ainda nos remete ao vigor físico, fazendo ressoar ecos de uma ontofania e, conseqüentemente, de uma singularidade, Homer Simpson é o eterno deslocado, um herói construído pelo esquecimento e negação do vigor e da virilidade masculina (p.49).

Verifica-se que Nolasco apresenta um modelo masculino contemporâneo no qual um dos elementos constituintes da identidade masculina o vigor físico é ridicularizado. O mito de herói, do masculino que exerce sua virilidade através da sua força física é colocado em

segundo plano, o masculino apresenta-se na figura do personagem Homer Simpson, um personagem gorducho e bonachão, representação masculina distante do mito de herói.

Outro aspecto que merece discussão refere-se ao masculino como representante de poder de dominação. Ele pontua que o herói Tarzan possui um reino, ou seja, o masculino de outrora se encontrava exercendo a sua masculinidade, era o protetor enquanto o outro representante do masculino contemporâneo é um masculino perdido, idiotizado e porque não dizer infantilizado.

De acordo com Nolasco (2001) a representação social masculina nas sociedades contemporâneas tem ficado restrita a caracterização de homens idiotizados, medíocres. A transformação do papel masculino da modernidade atrelado ao mito do herói, do masculino atrelado a violência, violência encarada como um atributo de sua virilidade, masculinidade. A pós-modernidade revela um masculino perdido, fracassado. Poder-se-ia dizer a metamorfose do masculino-herói para o masculino-idiota. O masculino apreendido como leviano superficial.

2.2 O lugar do masculino na família pós-moderna

De acordo com Ariès (1981) o sentimento de família foi desconhecido até o século XV. Na idade Média a vida privada foi repelida e a família reunia vários membros que moravam juntos, às vezes vários casais que compartilhavam uma mesma propriedade, num aglomerado indiscriminado reunidos por laços de sangue e afinidade. A família conjugal que tem como centro o casal, constituiu-se como um fenômeno da modernidade.

A família ocidental caracteriza-se por três importantes períodos revelados por distintas formas de organização familiar. No primeiro período forma-se a família tradicional alicerçada na preocupação com a transmissão de um patrimônio. Num segundo momento a família passa a ser construída como fruto do amor romântico, a família moderna. E finalmente, o terceiro período a família pós-moderna caracteriza-se pelas bases arraigadas no amor e no prazer, com

uma característica de atemporalidade, ou seja, a união permanece enquanto durar o amor e o prazer. (Roudinesco, 2003)

Diante destas três organizações familiares convém explicitar qual era o *locus* do masculino. Na família tradicional, o masculino, o pai de família representava-se como a encarnação familiar de Deus. Sua autoridade jamais era questionada, contestada, e a sua figura era sagrada. Analogamente o masculino vinculava-se a imagem de Deus do Velho, do herói e do guerreiro. A autoridade paterna era imposta pela força, pela autoridade. (Roudinesco, 2003)

Observa-se que nesse primeiro modelo de organização familiar, a família tradicional, o masculino revela-se como uma figura poderosa, autoritária. Partindo da analogia estabelecida por Roudinesco da figura paterna assemelhar-se ao Deus do Velho Testamento, o pai, o masculino na família caracteriza-se por ser o detentor do poder, da autoridade e caso suas ordens não sejam obedecidas torna-se punitivo. O masculino atrela-se a violência, não há espaço para afetividade, emoções, o pai assume posição privilegiada na hierarquia familiar.

A segunda organização familiar denominou-se a família moderna. Segundo Magalhães & Féres-Carneiro (2003) esse modelo familiar caracterizou-se por ser o local da afetividade. Instaura-se uma hipertrofia em termos de sociabilidade, a família movimenta-se do público para o privado. A família conjugal tem por objetivo preencher um vazio e responder às necessidades afetivas e sociais do indivíduo. Configura-se uma interiorização da família com privilégio da vida privada e da intimidade doméstica.

Visualiza-se na família moderna a afetividade. Todavia, esse atributo refere-se ao feminino. Ao masculino a afetividade encontra-se distante. O masculino está voltado para o papel de provedor financeiro da organização familiar, não se exige, nem é seu papel o envolvimento afetivo.

De acordo com Roudinesco (2003) o masculino, o pai do início do século XIX, encontra-se fragilizado por perder o lugar de um deus soberano, de autoridade suprema. O capitalismo se desenvolve, constitui-se a família econômico-burguesa, que se fundamenta na autoridade do homem, na subordinação das mulheres e na dependência dos filhos. Contudo, não é mais uma autoridade despótica, pois o Estado passa intervir na vida familiar, em virtude da importância econômica que as famílias passam a desempenhar.

O masculino na família moderna perdeu o seu poder despótico, todavia a autoridade ainda concentrava-se no homem. O pai ainda se constituía uma autoridade poderosa. A esposa e filhos submetiam-se ao poder paterno. O masculino se colocava em uma posição distante dos assuntos domésticos e afetivos. A criação dos filhos era atribuída exclusivamente ao feminino. O compromisso masculino com a família era basicamente financeiro, o bom homem era aquele que não permitia que nada faltasse para a família, entenda-se o não faltar intrinsecamente relacionado ao papel de provedor.

A família moderna também se caracterizou pelos papéis bem definidos do masculino e feminino. A família moderna propiciava ao masculino um modelo consistente e seguro de como desempenhar o seu papel. Em relação aos filhos, como mencionado anteriormente, a educação e afetividade destinavam-se ao feminino. Em relação à esposa, no âmbito da sexualidade, o masculino apreendia o feminino com a função de reprodutora, a figura necessária para dar-lhe filhos, varões, de preferência e confirmar a sua virilidade e o seu status de homem. Não necessariamente vinculava-se o ato sexual, ao prazer do casal. O homem podia realizar suas fantasias, obter o seu prazer sexual fora do casamento, a esposa assumia a posição de mãe dos seus filhos e a cuidadora do lar.

Chega-se à terceira organização familiar, a família pós-moderna. De acordo com Singly (2000) a família contemporânea revela-se paradoxal, ou seja, ela é relacional e individualista. A família pós-moderna revela a tensão entre esses dois pólos, os parceiros

procuram uma fórmula mágica que lhe permitam ser livres juntos; onde para cada parceiro o ideal seria a alternância entre um eu sozinho e um eu com.

A pós-modernidade caracteriza-se pela incerteza e transição. Em relação ao masculino, os papéis de gênero na família não se colocam tão bem definidos quanto na modernidade. A segurança e rigidez de papéis bem delineados não se constituem como âncoras salvadoras para os homens.

Na contemporaneidade o masculino, em grande número de famílias, perdeu o seu papel de provedor, representação masculina compartilhada pelos homens e mulheres. Muitas famílias passaram a ser chefiadas pelas mulheres, essa mudança provocou transformações nos homens. Alguns se sentem destituídos do seu papel de provedor, e conseqüentemente sentem-se tolhidos de seu poder e autoridade, colocando-se em posição passiva. Outros diante dessa nova realidade recorrem a violência intrafamiliar na tentativa de reconquistar a sua “autoridade” e poder.

Outro aspecto presente na família pós-moderna é a exigência que o masculino participe da vida afetiva familiar. Na maioria das famílias contemporâneas não mais se admite o pai distante afetivamente dos filhos. Ao homem pós-moderno exige-se a participação e envolvimento emocional na criação dos filhos. Não mais se permite ao masculino, ao homem no exercício da função paterna apenas ser o provedor econômico das crianças, mas se exige sua participação como provedor de afeto, uma paternidade participativa.

Em relação ao aspecto conjugal a pós-modernidade desvela mudanças. O feminino na modernidade que era tão atrelado a função reprodutora, agora deseja o prazer sexual. A masculinidade, a virilidade não está mais somente associada a quantos filhos o homem pode “fazer”, mas a sua capacidade de satisfazer a parceira. Como visto anteriormente, a pós-modernidade caracteriza-se pelo processo de individualização, no qual a relação mantém-se com a presença do prazer, da satisfação do sujeito, não existindo o prazer, não há razão para o

sujeito manter-se na relação. O homem depara-se, novamente, com uma de suas feridas narcísicas, o seu desempenho sexual e conseqüentemente a sua representação social de masculinidade.

A pós-modernidade apresenta-se de forma paradoxal para o masculino. No seu processo de construção de identidade valoriza-se que este se afaste da emoção, do afeto, dos sentimentos, atributos tipicamente femininos. Como trabalhado no capítulo 1, no tópico: o que é ser homem de verdade?. No processo de tornar-se homem de verdade exalta-se para os meninos a sua capacidade de controlar a afetividade, esconder os seus sentimentos, contudo posteriormente na relação familiar pede-se ao masculino que ele esqueça o que antes lhe foi solicitado e exige-se que este se revele um homem afetivo.

Ao término deste item, cabe ressaltar que a organização familiar pós-moderna, não extinguiu as outras formas de organização familiares. Existem famílias na qual o modelo familiar moderno descrito acima, ainda vigora. Existem outras famílias, nas quais se percebem a miscelânea do modelo familiar moderno e pós-moderno, isto é, o homem continua assumindo a posição de provedor da família, mas mantém uma relação afetiva e participativa com os filhos. Outros arranjos familiares da atualidade evidenciam um homem que não exerce a função de provedor, mas que ainda detém a autoridade familiar. Enfim, as famílias pós-modernas ainda podem apresentar muitos traços da família moderna e tradicional. Tal afirmação é corroborada ao se repousar o olhar nas famílias latino-americanas e brasileiras.

2.3 O homem-adolescente

A sociedade pós-moderna revela uma cultura na qual se desqualifica a velhice e se desvaloriza a maturidade ao promover valores associados à idéia de juventude. O estilo de vida jovial, maleável e plástico por excelência, constitui-se como objeto privilegiado da cultura de mercado (Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro, 2004).

Desta forma o estilo de vida jovem torna-se representante dos ideais que regem a vida social. O mundo adulto passa a absorver e se identificar com esses valores (Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro, 2004).

Para corroborar essa supervalorização da adolescência na cultura contemporânea, Khel (1998) utiliza um neologismo para explicitar esse estilo de vida: *teenagização da cultura*. O ponto de reflexão apresentado pela autora desvela-se na inversão do processo de desenvolvimento dos sujeitos, ou seja, outrora adolescentes queriam ser adultos, atualmente os adultos buscam prolongar ao máximo a adolescência, procuram vivenciar o estilo de vida dos jovens e postergam o máximo possível adentrar no mundo adulto. Os homens evitam ser reconhecidos socialmente como adultos e preferem ser vistos como adolescentes.

Observa-se esse estilo de vida juvenil, nos homens que passam horas e horas em frente aos computadores, debruçados em seus vídeo-games entretidos em jogos eletrônicos. A teenagização da cultura proposta por Khel, também, revela-se no modo de se vestir desses homens. O seu vestuário assemelha-se aos dos jovens: camisetas, bermudas e bonés. O linguajar utilizado deve aproximar-se dos adolescentes, recorrer-se-á a gírias, a termos informais compartilhados pelo universo adolescente.

Verifica-se que a adolescência desponta como um ideal do mundo adulto contemporâneo no qual a rebeldia e o gozo da liberdade são valores a serem enaltecidos na cultura pós-moderna, se sobressaem como modelos identificatórios, configura-se como o estilo de vida jovem. Outro neologismo apresenta-se: *adultescente* (criado a partir da fusão das palavras inglesas *adult* e *adolescent*) revelando o lugar privilegiado ocupado pela adolescência como ideal cultural (Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro, 2004).

Como mencionado no parágrafo anterior, a rebeldia e o gozo da liberdade são valores que permeiam o universo adolescente. Muitos homens apoderam-se desses valores, pautando-se o seu estilo de vida, no modo *adultescente* de ser. Observam-se homens que apresentam

dificuldades em se envolver em relacionamentos afetivos maduros. Afinal, o valor a ser defendido refere-se ao gozo da liberdade, então eles devem curtir, “pegar” o máximo de mulheres possível e não se “amarrar”, pois um relacionamento afetivo maduro poderia denotar a perda de liberdade, a restrição ao prazer intenso da juventude.

Em outras ocasiões a rebeldia e o gozo da liberdade pelo *adultescente* pode ter efeitos nefastos. Recentemente, a sociedade brasileira ficou estarrecida ao deparar-se com um acidente automobilístico. A colisão entre dois veículos provocou a morte de três pessoas. Verificou-se pelos relatos das testemunhas que ao volante do veículo que provocou o acidente, encontrava-se um homem de 49 anos que praticava um “racha” com outro veículo. Observa-se que a atitude desse homem revela a inconseqüência, a rebeldia, transgressão às normas e a fantasia de super-homem características inerentes à adolescência e desvela um homem infantilizado.

A adolescência, que é uma fase do desenvolvimento que se pretendeu deixar para trás depois de ela ter cumprido sua tarefa, pode tornar-se um modo de vida. Ao invés do impulso progressivo que normalmente leva o adolescente à vida adulta, a adolescência prolongada impede esse movimento para frente, tendo como resultado o fato do processo de adolescência não ser abandonado, mas permanecer ilimitado (Blos, 1979, p. 29).

A afirmação de Blos evidencia que o homem-adolescente fixou-se em uma fase de seu desenvolvimento maturacional psíquico. O processo de construção psíquica e emocional do sujeito perde o seu dinamismo, nas palavras de Blos o seu progresso, fica inviabilizado o projeto do sujeito rumo a individuação, o processo de desenvolvimento emocional e a separação parental.

Outro aspecto que evidencia a entrada do homem no mundo adulto refere-se à saída da casa dos pais. O ato de sair, sob o ponto de vista da cultura ocidental, simboliza a porta de entrada para o mundo dos adultos. Segundo Anderson e Sabatelli (1999):

(...) sair da casa paterna representa um passo significativo em direção à diferenciação das figuras parentais. O estabelecimento de casa própria permite e requer independência financeira, funcional e emocional, como também, propicia a expansão dos limites do círculo familiar. (p. 614)

A pós-modernidade explicita a dificuldade do homem de sair de casa, adentrar o universo adulto. Denominou-se essa permanência prolongada na casa paterna de geração canguru. De acordo com Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004) a geração canguru se caracteriza por as famílias abarcarem no seio familiar os jovens adultos. Muitos desses homens, representantes dessa geração, já concluíram a sua graduação, são independentes financeiramente e possuem condições suficientes para assumir moradia própria, mas mesmo assim preferem a “proteção” das casas dos pais. Uma hipótese que pode ser levantada para explicar esse contexto refere-se ao estilo de vida jovem enaltecido pela cultura contemporânea, não há um limite preciso entre as categorias jovem e adulto. Esses homens ainda sentem-se jovens.

Os homens, descritos pelos autores acima, se desvelam sujeitos emocionalmente adolescentes. Eles possuem as condições necessárias para pleitearem a sua independência e entrarem no mundo dos adultos, mas encontram-se emocionalmente imaturos. A sua posição é paradoxal, pois poderiam usufruir os benefícios e responsabilidades do mundo adulto, mas “optam” pelo prolongamento e benefícios da adolescência que impossibilitam o processo de individuação do sujeito. O homem-adolescente diante de um quadro de incertezas referente ao mundo dos adultos, em relação ao trabalho, aos relacionamentos afetivos e ao mundo social coloca-se numa posição de não enfrentamento dos conflitos. Afinal, em muitas famílias

permite-se aos homens inúmeras regalias: permissão para “transarem” em casa, um alto padrão de vida e quartos que são verdadeiras casas individuais. Essa situação provoca um ambiente confortável e inibidor para o processo de emancipação.

Cabe salientar que a proposta desse trabalho não é simplista e nem generalista, mas reflexiva e questionadora. Não significa que todos os homens que não saem da casa dos pais são homens-adolescentes, imaturos emocionalmente e que não estão envolvidos no seu processo de individuação, haja vista que o contexto econômico contemporâneo tem dificultado a emancipação dos jovens. Atualmente, comprar um imóvel próprio não é uma tarefa fácil e a maior permanência na casas dos pais pode possibilitar uma economia para que mais tarde possa se comprar uma casa ou apartamento. Ou até mesmo o jovem adulto necessite da estrutura do lar parental para um melhor desempenho no universo acadêmico e conseqüentemente profissional.

Sobre a relação de interdependência entre o sujeito e sua família, Papero (1998) recorre aos ensinamentos bowenianos que define a família como uma unidade emocional. Para Bowen duas variáveis exercem influências sobre a operação do sistema emocional do sujeito: a diferenciação do ego e a ansiedade.

Em relação à diferenciação do ego da teoria de Bowen, Papero (1998) explica:

No ponto central da diferenciação do ego situa-se a relação primária de uma pessoa com seus pais. A separação física ocorre no momento da concepção em uma seqüência previsível – o mesmo ocorrendo com o emocional. Tanto os pais quanto a criança, em uma progressão natural, movimentam-se no sentido de maior autonomia emocional.

(...) quando nada o impede, a seu final a criança sairá de seu processo de desenvolvimento com um grau muito elevado de diferenciação do ego.

Quando a separação emocional se faz de forma incompleta, os pais e a criança permanecem emocionalmente presos uns aos outros. Quando não chega a se completar de forma alguma, a simbiose faz com que nem pais nem filhos possam sobreviver uns sem os outros (p. 77-78).

As contribuições de Bowen permitem refletir sobre o homem-adolescente. Este homem mantém um nível de diferenciação de ego num nível muito baixo. Emocionalmente o sujeito encontra-se atrelado a sua família. As relações intrafamiliares ansiosas não permitem o vínculo que propicia a autonomia as duas partes. Pode-se pensar na pós-modernidade na ansiedade presente na relação entre o homem e sua família no tocante aos receios dos pais sobre a violência urbana, a independência financeira. Desse modo o ambiente familiar ansiogênico, permeado pela preocupação com o filho sofrer algum tipo de violência: assalto, seqüestro relâmpago pode influenciar na diferenciação do ego do sujeito.

Outro aspecto que pode influenciar na falta de autonomia do homem em relação ao seu processo de diferenciação do ego apresenta-se na síndrome do ninho vazio. Síndrome caracterizada pela ansiedade do casal provocada pela saída, emancipação dos filhos e o retorno da conjugalidade. A emocionalidade do casal diante dessa perspectiva pode resultar na não “permissão” de independência filial, o surgimento do homem-adolescente que viverá sob o teto do lar parental.

Não foi ao acaso que o capítulo encerra-se com as reflexões e questionamentos trazidos por Bowen. A diferenciação do ego possibilita ao sujeito, ao homem maior autonomia e independência emocional em relação à família, aos outros. A diferenciação do ego mantém uma relação intrínseca com a ansiedade, portanto a família pós-moderna permeada pela incerteza, ansiedade pode resultar em relações que dificultem a autonomia do homem, transformando-o em homem-adolescente, homem dependente. Obviamente, a construção do homem-adolescente não acontece de forma linear, constitui-se como um

conjunto de fatores interdependentes, uma teia de sentidos que se encontram, contudo o desenvolvimento emocional do sujeito pode resultar em autonomia, amadurecimento e a assunção das responsabilidades do mundo adulto masculino.

Capítulo 3

O MASCULINO ENVOLVIDO NAS RELAÇÕES AFETIVAS PÓS-MODERNAS

3.1 As relações descartáveis

As relações afetivas pós-modernas mostram-se ambivalentes e permeadas pela fragilidade. De acordo com Bauman (2004):

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca, esclarecer, registrar e apreender. (p. 8)

A contemporaneidade desvela uma situação paradoxal, os parceiros possuem a intenção de estarem juntos e ao mesmo tempo de não estabelecerem relações duradouras. Os relacionamentos contemporâneos entre homens e mulheres são alicerçados pela insegurança e superficialidade. Segundo Guedes (2005) a insegurança passou a caracterizar as relações amorosas, produzindo a ansiedade, a superficialidade e a brevidade dos relacionamentos que funcionam como mecanismos de defesa empregados pelos sujeitos para lidarem com o outro, com a alteridade.

Bauman (2004) explicita que na atualidade homens e mulheres são regidos pela sensação de que um relacionamento mais duradouro, de longo prazo evidencia que portas estão sendo fechadas. Na liquidez da pós-modernidade, o “bom” relacionar-se se pauta em não assumir e nem exigir compromissos, as portas devem estar sempre abertas. Observam-se alguns homens com o discurso que pontua que não vão casar, não vão se “amarrar”, pois o mundo está cheio de mulheres, e eles têm que aproveitar. O compromisso simboliza portas fechadas para “curtição”.

Observa-se que a falta de compromisso nas relações, atributo antes definido como pertencente ao masculino, atualmente não faz distinção de gênero. Algum tempo atrás se

estabelecia papéis de gênero dicotômicos quando se tratava da postura nos relacionamentos. Ao masculino atribuíam-se o receio de manter compromissos, relacionamentos sérios. Ao feminino, ao contrário, sempre se atrelava a postura de querer um compromisso duradouro. Contudo, atualmente, homens e mulheres devem evitar a queda na “armadilha” de compromissos, esse risco deve ser vigiado e controlado, constantemente.

Os relacionamentos líquidos são alicerçados numa vida de consumo. As relações afetivas são encaradas como produtos que devem ser consumidos. De acordo com Bauman (2007) os relacionamentos têm uma limitada expectativa de vida útil e, uma vez que o seu limite é ultrapassado, se tornam impróprios para o consumo; já que ser adequado para o consumo é a característica definidora para a funcionalidade da relação.

Homens e mulheres permanecem em um relacionamento desde que este esteja dentro do seu prazo de validade, ou seja, o relacionamento deve proporcionar satisfação ao sujeito. Diante de qualquer sinalização de desconforto na relação, esta deve ser descartada, o seu prazo de validade expirou. Homens e mulheres devem procurar novos parceiros, novos produtos de consumo que lhe tragam novamente o poder de sedução e satisfação.

Para funcionar propriamente e fornecer a satisfação prometida e esperada, os relacionamentos precisam de atenção constante e manutenção dedicada. Quanto mais tempo duram, mais difícil torna-se manter a atenção e o serviço de manutenção necessário ao dia a dia. Consumidores acostumados com produtos de consumo que envelhecem com rapidez e são prontamente substituídos acharão incômodo, além de um desperdício de tempo, preocupar-se com uma coisa dessas. Essa paciência cujo tempo de duração foi radicalmente reduzido conduz à busca de fins rápidos e radicais para relacionamentos desagradáveis (Bauman, 2007, p. 115).

Essa citação de Bauman permite outra reflexão. Homens e mulheres sinalizam desconforto, impaciência na manutenção de relacionamentos. Diante de uma sociedade, de uma cultura consumista, a manutenção de uma relação afetiva apresenta-se trabalhosa, descontextualizada. Perante o surgimento de dificuldades relacionais, o melhor a fazer é trocar a relação, o parceiro. A contemporaneidade exige velocidade para a satisfação.

Verifica-se que o envolvimento em relações afetivas apresenta-se arriscado, por isso os sujeitos criam mecanismos, estratégias em busca de proteção, de uma pseudo-segurança relacional. Bauman explicita dois mecanismos de proteção: a fixação e a flutuação.

A fixação configura-se na criação de compromissos relacionais que supostamente evitariam as incertezas da relação, uma tentativa de preservação do relacionamento apesar da impossibilidade de seu controle.

Esforço para emancipar o relacionamento de sentimentos erráticos e vacilantes, para assegurar que – aconteça o que acontecer com suas emoções – os parceiros continuem a beneficiar-se dos dons do amor: o interesse, o cuidado, a responsabilidade do outro parceiro. Um esforço para alcançar o estado em que se possa continuar recebendo sem dar mais, ou dando não mais do que o padrão estabelecido exige. Bauman (1997, p. 115)

A fixação em muitas ocasiões revela-se como um mecanismo contrário à manutenção dos relacionamentos. A fixação tenta evitar a angústia da incerteza do amor, postula uma tentativa de passar tranquilidade ao sujeito. A fixação desvela a posição passiva de um dos parceiros, um parceiro que se propõe a renunciar determinados desejos para o bem-estar da relação. Todavia essa postura pode definir o fim da relação. Imagine-se um homem que se submete, incondicionalmente, às vontades da namorada ou vice-versa a namorada que está sempre disposta a ceder para o namorado com o intuito de manter o relacionamento.

O outro mecanismo apresentado refere-se à flutuação. De acordo com Bauman (1997) na flutuação o sujeito não está disposto a fazer concessões. Abandona-se a relação, o outro antes que as dores, compromissos e renúncias do amor cobrem o seu preço. Costa (1998) corrobora o pensamento baumaniano, explicita que um dos parceiros ao abandonar sistematicamente o outro, evidencia a angústia e receio de pode vir a ser abandonado, procura-se evitar o sofrimento de amar sem ser amado.

Visualiza-se esse mecanismo em alguns homens que não se envolvem afetivamente, que tem por lema: “o deixar rolar”, que se denominam guerreiros. Diante da possibilidade da instauração de compromissos mais sérios, que possam interferir na sua individualidade, eles preferem optar por um novo relacionamento, ou melhor, uma nova parceira. Convém destacar que essa postura masculina é enaltecida pelos outros homens, entre os seus companheiros, o seu status no universo masculino é valorizado. Paradoxalmente, o feminino desqualifica e aprecia esse masculino, o discurso feminino aponta a sedução pelo homem-cafajeste, o homem que tem “pegada” e que tem muita experiência.

Ao findar esse primeiro tópico, convém pontuar que não há um modelo dominante de relações afetivas na pós-modernidade. Segundo Chaves (2003) torna-se difícil pensar em um modelo dominante/legitimado no sentido de haver uma forma relacional-afetiva unânime e que deve ser seguida por todos. Existe a pluralidade do campo amoroso, juntamente com descentralização do sujeito moderno, a existência de identidades múltiplas e abertas, pautadas na liberdade individual e na satisfação. Contudo, no campo amoroso, nas relações afetivas da pós-modernidade ainda encontra-se o amor romântico, o amor sexual e amor paixão. Em síntese na pós-modernidade ainda encontram-se os outros tipos de relacionamentos afetivos desenvolvidos ao longo dos tempos.

3.2 O homem perdido

A atualidade evidenciou que não há um modelo relacional-afetivo dominante a ser seguido, os modelos coexistem. De acordo com Chaves (2003) o afrouxamento de regras e normas referentes à vida afetivo-sexual provocou a falta de clareza e de estabilidade destas, e tornou difícil a sustentação do discurso de outrora que tentava ordenar as práticas amorosas, colocá-las em uma determinada hierarquia na qual o casamento ocupava lugar de destaque. As ditas etapas da vida amorosa consistiam: no flerte, o namoro, o noivado e o casamento. Atualmente não há uma seqüência obrigatória que homens e mulheres devem seguir.

Visualiza-se que o cenário contemporâneo destituiu um modelo a ser seguido, um referencial. No casal, o grau de intimidade crescia hierarquicamente com a responsabilidade do compromisso. Para o masculino ficava claro as etapas a serem enfrentadas para a obtenção de uma intimidade maior. Em muitas ocasiões, o sexo só poderia acontecer no casamento ou fora dele com as mulheres da vida. Como se mostrou anteriormente, no capítulo I, no tópico: “o que é ser homem de verdade?”, a identidade masculina, a masculinidade sempre esteve atrelada ao desempenho sexual. Então, outrora o homem sabia o *locus* apropriado para desempenhar o seu papel masculino.

Porém atualmente, essa questão apresenta-se confusa, no flerte, nos primeiros encontros pode haver sexo? Algumas mulheres acham que a tentativa masculina significa desrespeito, outras acreditam que a não tentativa simboliza um certo questionamento sobre a sua masculinidade, virilidade. O homem parece pisar em areia movediça.

Outra questão que sofreu transformação na pós-modernidade refere-se ao lugar do amor, o lugar que a relação afetivo-sexual ocupa na vida de homens e mulheres. No âmbito da relação afetivo-sexual, Chaves (2003) pontua que a mulher passou a almejar outras realizações que não somente a amorosa, passou a desejar e buscar ativamente a satisfação sexual, não mais necessariamente colocar a vida afetiva doméstica como um lugar central na

sua vida. Essa é outra mudança que reflete no masculino. Em outros tempos, o marido, o homem tinha como “dever” com a sua mulher, com a sua esposa prover a casa. Em relação à vida sexual, a mulher tinha o papel de ser mãe, a função de procriação.

Com a revolução feminina as mulheres passaram a exigir dos parceiros à satisfação sexual. Esse desempenho que antes não era questionado pelas parceiras, não era exigido do homem passou a existir. Pode-se dizer que o desempenho sexual do homem foi trazido para dentro de casa, juntamente com os seus temores e angústias de fracassar no papel de ser homem.

Outro aspecto em relação às mulheres que refletem no masculino é o casamento. De acordo com Vaitsman (1994) o casamento se tornou uma das dimensões da vida da mulher, ele não se constitui mais um fim em si mesmo. O masculino detinha a “posse” do feminino. Primeiramente a mulher pertencia ao pai, e o casamento autorizava que a mulher mudasse de senhor, após o casamento era submetida ao poder do marido. Apesar da submissão feminina, o casamento representava para as mulheres a condição de não fracasso, de ter encontrado um provedor, protetor. Instaurava-se outra forma de representação do masculino pela submissão do feminino. Atualmente, há famílias nas quais o provedor econômico é o feminino, são as mulheres, o poder masculino representado pelo dinheiro, vê-se questionado, outra ferida narcísica masculina que é mexida.

Ainda se falando de relações afetivas pós-modernas, outra pergunta se faz oportuna: qual o homem solicitado pelo feminino: o viril ou o sensível? Observou-se que essa questão apresenta resposta complexa. As mulheres apresentam um discurso de que estão cansadas de se envolverem com homens rudes, que não discutem a relação, que não externam os seus sentimentos. Os homens ao longo de seu processo de se tornarem homens percorrem caminhos distante dessas exigências.

Do masculino espera-se força, frieza, racionalidade e imagem de herói. Apesar do discurso feminino descrito acima, sobre as suas preferências, não é raro observar em rodas femininas comentários: “eu gosto de homem que tem jeito de homem”, “homem que tem pegada”, “eu não quero homem chorão do meu lado”. Diante desse quadro o homem encontra-se perdido, se num primeiro momento ele atende o apelo feminino de ser sensível, bonzinho, ele sofre dupla discriminação, das mulheres que dizem que homem muito bonzinho, muito sensível, não é bom e dos outros homens que acham que essa forma de ser portar não é coerente com o jeito masculino de ser.

A contradição apontada no parágrafo anterior é corroborada por Dorais (1994):

Esse é outro fator de incerteza e angústia para os homens. Finalmente, mesmo esses novos homens que tentam adaptar-se à virada feminista recebem mensagens contraditórias por parte de suas parceiras: “seja terno, sensível e espontâneo, mas permaneça o herói invencível. Mude, mas não tome o meu lugar e não perca o seu” (p.43).

Outra questão que merecesse discussão e reflexão refere-se ao trabalho. Indiscutivelmente o trabalho, o ganhar dinheiro sempre serviu de referência para representação de masculinidade. Ao feminino atribuíam-se as tarefas domésticas. Num passado recente, o universo do trabalho passou a ser dividido entre homens e mulheres. As mulheres postulam a igualdade salarial com os homens. Como aponta Dorais (1994) as mulheres insistem que os homens e mulheres trabalhem, que sejam independentes financeiramente, mas consideram o seu salário como um complemento que deve servir para pagar apenas o supérfluo.

Observa-se que algumas mulheres “brigam” por igualdade salarial, contudo ainda cabe ao masculino assumir a provisão da casa, do casal, o salário da mulher deve ser revertido para as suas coisas. A mensagem feminina velada diz: “Deixe-me trabalhar, quero direitos iguais,

mas a manutenção da casa, ainda é dever do homem”. O masculino não deve se afastar do papel de provedor.

Retornando ao assunto das emoções, a mensagem repassada ao homem é contraditória. Pede ao masculino que exteriorize suas emoções, entretanto ao revelar-se sensível, muitas mulheres proferem um discurso ríspido, e até certo ponto chocante. Pontuam que homens “chorões” devem procurar o colo materno, ou até mesmo que estes utilizam suas lágrimas para manipularem, para sensibilizá-las, mas que essa artimanha não surtirá efeito. O feminino pede para que o masculino mude, mas mude com ressalvas.

Dorais (1994) explicita essa ambivalência na relação do feminino e masculino:

De fato, muitas mulheres continuam a achar que o homem ideal é ambicioso, impertubável, intrépido. O jogo da sedução não exige que os homens correspondam a essas expectativas? Mas ao mesmo tempo elas querem que eles sejam meigos, vulneráveis, pacientes e sensíveis. Como conciliar os dois? (p. 52)

O masculino encontra-se diante de um quadro pós-moderno que o coloca num contexto duplo-vincular. Ele transita entre os “velhos” papéis machistas e os novos modelos exigidos pela pós-modernidade. Dorais (1994) desvela que não há um manual para o desempenho dessa “nova” masculinidade. O homem encontra-se perdido, inseguro. Como discutido e debatido ao longo desse tópico exige-se que ele desempenhe “novos” papéis masculinos, mas não abra mão dos papéis tradicionais. O masculino na contemporaneidade é permeado de tensão e contradição. Será possível que esse homem perdido se encontre?

3.3 Há luz no fim do túnel? Uma nova proposta de relacionamento afetivo e o masculino

De acordo com Araújo (2002) as mudanças ocorridas nas relações afetivas ao longo da modernidade resultaram em transformações radicais da intimidade e na vida pessoal dos indivíduos. Como mencionado anteriormente, a chamada revolução sexual e a emancipação feminina tiveram um papel fundamental nesse processo.

Segundo Giddens (1993) as novas formas de relacionamento que resultaram dessas mudanças têm como base a igualdade e os princípios democráticos. Para apreender essa realidade contemporânea, Giddens recorre a três categorias básicas: o amor confluyente, a sexualidade plástica e o relacionamento puro.

Para Giddens (1993) o amor confluyente é mais real que o amor romântico, pois não se alicerça pelas identificações projetivas e fantasias de completude. Presume igualdade na relação nas trocas afetivas e no envolvimento emocional. Desenvolve-se como um ideal em uma sociedade onde quase todos os sujeitos possuem a oportunidade de se tornarem sexualmente realizados. Ao contrário do amor romântico, o amor confluyente não é necessariamente monogâmico, nem heterossexual.

Em relação ao amor confluyente o masculino deve procurar ocupar uma posição de igualdade com o feminino. Ao longo desse trabalho percebeu-se que em relação ao sexual, o masculino sempre atuou numa hierarquia superior, o feminino ficava submisso. A proposta do amor confluyente possibilita ao masculino repensar a isonomia nos relacionamentos afetivos. Todavia, faz-se necessário o engajamento feminino nessa mudança. A pós-modernidade revela que em alguns relacionamentos ocorre a inversão dos papéis modernos de gênero. O feminino passa a dominar o relacionamento, ou seja, as mulheres passam a ocupar a hierarquia “superior” masculina. O envolvimento emocional a troca afetiva fica em segundo plano, o relacionamento afetivo transforma-se em um jogo de poder, tornando esses relacionamentos distante do amor confluyente.

A segunda categoria apresentada por Giddens refere-se à sexualidade plástica. De acordo com Giddens (1993) a sexualidade plástica configura-se como uma sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. Ela origina-se na tendência de redução da família, iniciada no final do século XVIII, e se desenvolve mais tarde com a difusão dos métodos contraceptivos e das novas tecnologias reprodutivas.

A sexualidade plástica informa ao masculino que algumas bases de sua virilidade podem ser refletidas. A mulher deixa de ser meramente uma reprodutora, passa a exigir prazer sexual. Logo, a distinção realizada na cabeça masculina da esposa, que é a mãe dos seus filhos e as mulheres fora de casa na qual o sexo é praticado como fonte de prazer encontra-se desfeita. Uma nova forma de vivenciar a sexualidade apresenta-se para o homem, a esposa, a namorada começa a discutir e pleitear a sua satisfação sexual. Entretanto, essa nova visão sobre a sexualidade feminina, o direito ao gozo, cria ansiedade e angústia no universo masculino. O homem coloca-se diante de extremos, de um lado a satisfação sexual feminina pouco importava como referência para sua masculinidade e do outro lado, no qual a sua virilidade, a sua masculinidade é evidenciada por sua capacidade de proporcionar prazer às mulheres.

Convém destacar que esse não é um modelo hegemônico, nem todos os homens compactuam com a sexualidade plástica. Em muitas regiões latino-americanas, e mesmo no Brasil, o machismo impera, ao feminino não se reserva o prazer sexual, as mulheres ainda são vistas como objetos inanimados, sem o direito à reivindicação de gozo. A sexualidade machista e a sexualidade plástica convivem na pós-modernidade.

E por fim a terceira categoria é o relacionamento puro. Giddens (1993) o define como um relacionamento centrado no compromisso, na confiança e na intimidade. Implica em desenvolver uma história compartilhada em que cada um dos parceiros deve proporcionar ao outro, por palavras e atos, algum tipo de garantia de que o relacionamento deve ser mantido por um período indefinido. Em complemento a definição de Giddens, Araújo (2002) explicita que uma característica do relacionamento puro é que ele pode ser terminado, mais ou menos à vontade, em qualquer época e por qualquer um dos parceiros. O compromisso constitui-se com necessário para que o relacionamento tenha a probabilidade de durar, mas não impede que qualquer parceiro que se comprometa sem reservas corra o risco de sofrer muito no

futuro, no caso do relacionamento vir a terminar. O relacionamento puro privilegia a própria relação, o nível de satisfação produzido pela mesma.

O masculino encontra-se diante de um novo cenário. Como abordado anteriormente no tópico: as relações descartáveis, diante da insegurança, dos riscos apresentados por Bauman nos relacionamentos contemporâneos, o relacionamento puro contempla o compromisso, contudo não é um compromisso aprisionador. Ao masculino e ao feminino solicita-se o envolvimento emocional, a formação de um compromisso, mas um compromisso que produza satisfação. Espera-se que o homem dispa-se de sua representação masculina, de que homem não se envolve afetivamente, que homem que é homem não estabelece compromisso, vínculos.

A possibilidade de democratização das relações afetivas, observadas em alguns relacionamentos pós-modernos sinaliza que o modelo tradicional regido pela dominação masculina vem dando lugar a outra forma de relação, na qual o feminino reivindica igualdade e há uma constante negociação no relacionamento (Araújo, 1999).

Ao término desse tópico apreende-se que o projeto masculino nesse novo modelo de relacionar-se, não é um projeto fácil, mas complexo. Os homens irão se deparar com o amor confluyente, com a sexualidade plástica e com o relacionamento puro. Talvez a sua representação social de masculinidade, de virilidade seja questionada, seja repensada, mas o tornar-se homem, a masculinidade é um processo que está em constante construção e desconstrução. O posicionamento do masculino nas relações afetivas pode ser pautado pela intimidade e compromisso. Há luz no fim do túnel.

CONCLUSÃO

A pós-modernidade caracteriza-se pela incerteza, instabilidade e dinamismo. O lugar do masculino na pós-modernidade não se apresenta com as fronteiras tão bem delimitadas e rígidas construídas na modernidade. O processo de construção da identidade masculina no cenário pós-moderno depara-se com identidades descartáveis, fragmentadas. Na pós-modernidade a composição dessa identidade apresenta-se permeada pela incerteza e pela angústia da escolha. Não há um modelo dominante de masculino a ser seguido, o sujeito irá apropriar-se de forma singular e única do masculino.

Outra questão trabalhada ao longo deste trabalho referiu-se a construção de gênero. O paradigma moderno associou o masculino aos atributos de provedor, exclusivamente econômico, ao trabalho e ao público. Contudo a sociedade pós-moderna ocasionou contradições no desempenho do papel masculino. Em relação ao atributo de provedor, a pós-modernidade instituiu que além de provedor econômico, o masculino deve ser provedor afetivo.

Em relação ao trabalho, este sempre possibilitou ao masculino o poder, o reconhecimento social de bem sucedido. Todavia na contemporaneidade o feminino passou a ocupar esse espaço que durante algum tempo foi eminentemente masculino, destituindo o masculino de sua posição de poder. Muitas famílias passaram a ser chefiadas pelo feminino e uma forma de retomada de poder sugerida neste trabalho pelo masculino foi recorrer à violência, a agressividade.

A relação masculinidade e trabalho e conseqüentemente provedor não se apresenta tão tranqüila na pós-modernidade. Muitas famílias passaram a ser providas por mulheres, o feminino entra no universo masculino do trabalho. O masculino evidencia um dos seus calcanhares de Aquiles. O papel de provedor tão intrinsecamente relacionado ao masculino está abalado.

Ao masculino pós-moderno pediu-se que adentrasse ao mundo privado, ao universo da intimidade, todavia em muitas ocasiões pede-se que ele não esqueça que o domínio do espaço público ainda lhe pertence. Não é raro observar no discurso feminino que os problemas da rua devem ser resolvidos pelo masculino, levar o carro a oficina, resolver determinados problemas bancários e outras situações cotidianas evidenciam essa relação ambivalente do masculino entre o público e privado.

Outro ponto trazido na discussão sobre gênero evidenciou que o masculino é percebido como o local da razão, da frieza. No ambiente de trabalho esses atributos são valorizados. Ao masculino ocupante de um cargo de chefia espera-se que ele seja frio e racional, as emoções sejam colocadas de lado, pois elas atrapalham o processo decisório “correto”. Todavia nos relacionamentos afetivos, nas relações familiares pede-se ao masculino: ternura, afeto e sentimento.

Verificou-se ao longo desta monografia que o masculino instaurou-se pelo distanciamento e recusa do feminino. A recusa ao feminino simboliza recusa ao afeto, à demonstração de sentimentos. Destina-se ao masculino o afastamento da afetividade, quando crianças, os meninos escutam as frases: “homem não chora, isso é coisa de mulherzinha”.

O masculino caracterizou-se como uma forma de domínio do outro, de domínio do feminino. A masculinidade é representada pela dominação, subjugação do feminino. A valorização do masculino ocorre pela desqualificação do feminino.

Outro aspecto relacionado ao masculino é a virilidade. Observou-se o exemplo trazido por Nolasco (2001) dos samburus. Os meninos são submetidos a rituais dolorosos para tornarem-se homens de “verdade”. O importante desse exemplo é a associação do masculino a virilidade. O homem pós-moderno não precisa ser submetido a provas de sofrimento físico, mas existem outras formas de evidenciar essa virilidade. O consumo de bebida alcoólica pode quantificar e o qualificar o quanto determinado sujeito é homem. A masculinidade apresenta-

se na capacidade de resistir ao álcool. Nolasco (2001) explicita: “beber pesado são as medidas de um homem de verdade” (p. 99)

Outro aspecto que denota a virilidade masculina encontra-se no seu desempenho sexual. Na modernidade o homem deparava-se com relações nas quais somente o masculino obtinha o prazer. A sua virilidade, o seu desempenho sexual pautava-se na quantidade de mulheres que ele levava para a cama. Ao feminino não se dava voz, a possibilidade de prazer sexual. A virilidade masculina era presumida por um auto-conceito do homem, e pelo seu compartilhar com outros homens do seu desempenho sexual. Na pós-modernidade a virilidade, a potência sexual masculina passou a ser questionada pelo feminino, o masculino viril e aquele que proporciona prazer à parceira, ao feminino.

Também se abordou o masculino na família pós-moderna. Ao masculino destinavam-se papéis bem definidos dentro da instituição familiar. O papel de provedor econômico, de autoridade inquestionável e suprema. As relações afetivas com a esposa e filhos não eram atribuições do masculino. Na pós-modernidade solicita-se ao masculino não apenas o exercício de sua função paterna como provedor, mas se exige sua participação como provedor de afeto, uma paternidade participativa.

Convém destacar, como levantado anteriormente neste trabalho, que a organização familiar pós-moderna, não extinguiu as outras formas de organização familiares. Existem ainda famílias alicerçadas no modelo masculino da família moderna e em outras se percebe a miscelânea entre o modelo masculino moderno e o modelo masculino pós-moderno.

Outro questionamento trazido por esse trabalho diz respeito ao homem-adolescente. A pós-modernidade evidencia-se pelo estilo de vida jovial, o estilo de vida jovem torna-se referência dos ideais que regem a vida social contemporânea. Khel (1998) irá traduzir esse estilo de vida como a teenagização da cultura. Outro neologismo criado por Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004) *adultescente*. O masculino incorporará este estilo de vida

pautado na juventude. A pós-modernidade apresenta homens que não atingiram o processo de individuação e autonomia. Homens que se mostram emocionalmente imaturos e dependentes. A pós-modernidade explicita a dificuldade de homem de sair de casa, adentrar o universo adulto. O cenário de incerteza e insegurança da pós-modernidade acaba por gerar uma ansiedade familiar que impede a autonomia dos seus membros. Segundo Bowen (citado por Papero, 1998) não promove a diferenciação do ego, o processo de individuação do sujeito.

Todavia convém ressaltar que a proposta dessa monografia não é simplista e nem generalista, não se deve taxar que todos os homens adultos que moram na casa dos pais, são imaturos psicologicamente, são homens-adolescentes. A condição econômica atual pode ser um dos fatores que retardam a saída de muitos filhos da casa dos pais.

Por fim discutiu-se e refletiu-se sobre o masculino nas relações afetivas pós-modernas. A pós-modernidade segundo Bauman (2004) explicitam relações afetivas frágeis e ambivalentes. A postura de Bauman é ratificada por Guedes (2005), os relacionamentos entre homens e mulheres na pós-modernidade são alicerçados pela insegurança, superficialidade e a falta de compromisso. O estabelecimento de compromisso implica na ausência de liberdade, possibilidades estão sendo descartadas.

Ao masculino atribuíam-se o receio de manter compromissos, relacionamentos sérios. Atualmente observa-se que a falta de compromisso nas relações afetivas não faz distinção de gênero. A dicotomia existente na modernidade: o masculino atrelado a falta de compromisso e o feminino associado ao desejo de um relacionamento sério não se apresenta tão sólida na pós-modernidade. Homens e mulheres permanecem em um relacionamento desde que este propicie satisfação, prazer. Os relacionamentos como aponta Bauman (2007) possuem o seu prazo de validade.

Diante de uma sociedade que enaltece uma cultura consumista, o relacionamento configura-se como um produto a ser consumido. Na pós-modernidade os produtos são

descartáveis, a manutenção de uma relação afetiva apresenta-se trabalhosa. Diante de dificuldades relacionais, o melhor a ser feito é troca de relação, a troca de parceiro. É nesse contexto relacional que se encontra inserido o masculino.

Nesse contexto das relações afetivas pós-modernas qual será o masculino solicitado: o viril ou o sensível? Em nosso percurso reflexivo, essa pergunta não tem uma resposta única. O que ficou evidenciado é que muitas vezes o masculino solicitado é paradoxal. O feminino manifesta desejo de se relacionar com homens sensíveis, delicados e educados. Contudo também apresentam o discurso que querem ao seu lado homens de verdade, másculos, viris e que tenham “pegada”.

Essa contradição é assinalada por Dorais (1994) os novos homens recebem mensagens contraditórias por parte de suas parceiras, pede-se a eles que sejam ternos, sensíveis e espontâneos, mas que permaneçam os heróis invencíveis e durões. A mensagem passada pelo discurso feminino é: “mude, mas não tome o meu lugar e não perca o seu”.

Nas relações com o feminino o masculino transita entre os “velhos” papéis machistas e os novos modelos exigidos pela pós-modernidade. Não há um manual que contenha instruções para esse “novo” relacionar na pós-modernidade, contudo o masculino encontra-se perdido e inseguro, pois se exige que ele mude, mas não abandone os seus atributos da modernidade.

Por fim, essa conclusão não poderia deixar de mencionar as contribuições e reflexões trazidas por Giddens sobre os relacionamentos contemporâneos. Para Giddens (1993) os relacionamentos pós-modernos devem ser pautados na igualdade e nos princípios democráticos, numa sexualidade que propicie prazer aos parceiros. Entretanto, convém destacar que o modelo proposto por Giddens não é o dominante, ou único. A pós-modernidade convive com modelos de relacionamentos construídos ao longo da história, como o modelo romântico entre outros.

Ao findar este trabalho, o intuito do autor não é apresentar verdades absolutas, ou inquestionáveis. Pelo contrário é abrir espaço para discussão e reflexão sobre o lugar do masculino na pós-modernidade. O masculino encontra-se num cenário de contradições, ambivalências. A pós-modernidade e a modernidade continuam a coexistir, atributos masculinos enaltecidos e valorizados na modernidade continuam a existir e outros são questionados. A pós-modernidade não apresenta uma fórmula ou um modelo dominante do masculino a ser seguido, mas sinaliza a insegurança e incertezas desse período.

Cabe destacar que a produção dessa monografia, sugeriu ao autor a possibilidade de aprimorar esse estudo com uma pesquisa qualitativa. Dar-se-á voz aos homens reais, entrevistas serão realizadas e análises de conteúdos poderão ser trabalhadas estabelecendo uma parceria entre o levantamento bibliográfico e os dados levantados com sujeitos “reais”, mas essa será uma nova empreitada e um outro trabalho a ser produzido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, S. A. & Sabatelli, R. M. (1999). *Family interaction: a multigeracional developmental perspective*. Boston: Allyn and Bacon.
- Araújo, M. de F. (2002). *Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações*. Psicologia: Ciência e Profissão, Conselho Federal de Psicologia, nº 2, p. 70-77.
- Ariès, P. (1981). A família e a cidade. In Figueira, S. A. e Velho, G. (orgs.), *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, p. 13-23.
- Bauman, Z. (1997). *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Blos, P. (1979). *Transição adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chaves, J. C. (2003). *Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dorais, M. (1994). *O homem desamparado*. São Paulo: Edições Loyola.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- González Rey, F. (2003). *O Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. (2007). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson.
- Guedes, C. (2005). *Sociabilidade e sociedade de risco: um estudo sobre relações na modernidade*. Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, p. 353-371.

- Henriques, C.; Jablonski, B. e Féres-Carneiro, T. (2004). *A geração canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar*. Revista Psico, 35, 2, p. 195-205.
- Kaplan, H. I & Outros (2003). *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kehl, M. R. (1998). *A teenagização da cultura*. In Caderno Mais! Folha de São Paulo, edição 20/09.
- Magalhães, A. S. & Féres-Carneiro, T. (2003). *Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”*. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro.
- Minayo, M. C. de S. et al. (1999). *Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Muraro, R. M & Boff, L. (2002). *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Nolasco, S. *De tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Oliveira, P. P (2004). *A construção social da masculinidade*. Rio de Janeiro: IUPERJ.
- Papero, D. V. (1998). A Teoria sobre os sistemas familiares de Bowen. In Elkaim, M. (org). *Panorama das terapias familiares (v1)*. São Paulo: Summus.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Singly, F. de. (2000). O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In Peixoto, C. E.; Singly, .F. de; Cicchelli, V. (orgs.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, p. 13-19.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Welzer-Lang, D. (2001). *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*.

Revista Estudos Feministas, vol. 9, nº 2